

Poemas Dispersos

Manuel Laranjeira



AMAR A POESIA, DIGITALMENTE

A poesia em formato digital terá o mesmo
sabor, o mesmo odor?

Seremos capazes de encontrar o prazer da
leitura num ecrã de computador?

Editamos poesia desde 1996 e queremos,
agora, dar o passo para além dos limites do
papel.

E cada leitor poderá, em sua casa, imprimir e
construir o seu livro. Também ele cúmplice
desta batalha pela poesia que não pode ter
fronteiras, nem barreiras.

Elefante Editores

Breve Introdução

Manuel Fernandes Laranjeira, nascido a 17 de Agosto de 1877 na Vergada, no concelho de Santa Maria da Feira, é conhecido como escritor espinhense.

Após a conclusão do Curso de Medicina no Porto, com 19 valores, fixou-se em Espinho onde abriu consultório. Sempre em Espinho cuidou da saúde dos outros, não podendo cuidar da sua doença que lhe corroeu o corpo e a alma, e com a qual estava condenado a morrer ou a matar-se. Escolheu matar-se com um tiro de pistola na última hora da noite fria de 22 de Fevereiro de 1912.

Frequentou as tertúlias literárias do Porto e conviveu em Espinho com Amadeu de Sousa Cardoso, Teixeira de Pascoaes, António Carneiro, João de Barros e Miguel de Unamuno, entre outros.

A sua obra reparte-se por:

Textos Científicos

«Nirvana-Interpretação Psicológica de um Dogma», «A Doença da Santidade: Ensaio Psicopatológico sobre Misticismo de Forma Religiosa», «A Cartilha Maternal e a Fisiologia»

Peças de Teatro

«Amanhã», «Às Feras», «Naquele Engano d'Alma», «Almas Românticas» (inacabada)

O seu texto mais conhecido é o «Diário Íntimo» escrito no mesmo período de tempo

do seu único livro de poesia: «Commigo: Versos dum Solitário».

Por esta época, nos anos imediatamente anteriores a 1912, Manuel Laranjeira está já gravemente afectado pela doença. Escreve já com imensa dificuldade como se confirma no Bilhete Postal que envia a João de Deus Ramos em 1909: «Desculpe não me alongar, mas estou fazendo esforços prodigiosos para fazer uma letra legível».

Nas páginas seguintes apresentamos os poemas dispersos, conhecidos, do autor incluídos em publicações diversas. Alguns foram divulgados postumamente.

António Regedor
Maio de 1997

Tenho Inveja Ao Cristo Dolorido

Tenho inveja ao Cristo dolorido
Na impotência dum sonho já desfeito
Agonizando, o corpo retorcido,
Na cruz d'ouro que trazes sobre o peito.

Fitando o céu, d'olhar amortecido,
Como alguém que, da morte já no leito,
Inda espreitasse, sôfrego, insofrido,
A luz do eterno dia em trevas feito.

- Se os braços sobre o peito cruzas, lassos,
Confundem-se os da cruz com os teus braços.

-

Eu seria Jesus, o visionário,

Se o teu olhar fora a minha luz,
Se os teus braços pudessem ser a cruz
E se o teu peito fora o meu calvário.

No Sono Das Coisas

Quantos castelos feitos de ilusão
ergui, crente, pelo ar, - mas que cegueira! -
ei-los todos desfeitos em poeira,
ei-los todos dispersos pelo chão...

E daquela tão leda aspiração,
Em que eu sentia arder-me a vida inteira,
Sumiu-se tudo já. E da fogueira
Restam-me as cinzas do desejo vão...

Ó ruínas de tudo o que eu ergui
Na mente enfebrecida e desvairada!
Cinzas mortas da vida que vivi!

Dormi eternamente o vosso sono
- como dorme uma lâmpada apagada
no meio duma nave ao abandono-

Talvez Tu Chores Nesta Hora - Eu

Talvez tu chores nesta hora - Eu
Estou tão contente, canto tanto e rio!
Este sol de hoje não me quis sombrio,
E a natureza não me quer só teu.

Talvez tu chores; minha dor morreu
Ante a luz forte e sensual do Estio;
E se tu choras porque tens só frio,
Quem tem a culpa se eu me rir - é o Céu.

Pois chora, chora - a Dor humana tem
De ter quem a amamente - mas se alguém,
Se tu, para eu não ver os astros são,

Viesses fechar-me os olhos - tu, criança,
Eu, que nas tuas mãos pus minha esperança,
Era capaz de te quebrar as mãos!

No Retrato Duma Romântica

*Naquele engano d'alma ledo e cego
Que a Fortuna não deixa durar muito...
Camões*

Teu olhar triste (se o olhar não mente!)
parece estar fitando um sonho vão
que se vai desmanchando lentamente...

E a tristeza do olhar está dizendo
quanto deve sofrer teu coração
à medida que o sonho vai morrendo...

E esse sonho que tu trazes escondido
no fundo do teu peito, angustioso,
sei-o diz-mo esse olhar entristecido...

Vê lá se o sei: um príncipe encantado
tomava-te em seus braços, ansioso,
e beijava-te os olhos, enlevado...

Depois... depois, cansado d'esperar
o príncipe encantado que não vinha,
encheu-se de tristeza o teu olhar...

Teu grande coração, alma iludida,
perdeu aquela fé que outrora tinha
e começa a descrer da própria vida...

Oh alma cismadora, oh alma triste,
o príncipe encantado que sonhavas,
por mais que tu o busques, não existe...

Sonhos d'amor, oh olhos que sonhais
Oh coração que em sonhos te embalavas,
São sonho, sonho vão... - e nada mais.

Cantigas

Muito triste deve ser
um coração sem ninguém
que possa compreender
quanta tristeza ele tem...

Olhos tristes, olhos tristes,
porque me fitais assim?
- como espelhos da tristeza
que tenho dentro de mim...

Que sonhos d'amor tão lindos
às vezes a gente tem!
e que mágoa não podermos
confiá-los a ninguém!

Tenho n'alma duas coisas
de que não posso esquecer-me:
é teres-me querido tanto
e deixado de querer-me

Não há nada nesta vida
que tanto faça sofrer
como ter amor a alguém
e não lho poder dizer...

Os teus olhos sonhadores
fazem-me sempre cismar
se são mágoas ou amores
que assim os fazem sonhar...

Se pergunto ao teu olhar
que segredos ele esconde,
ele fita-me a cismar
muito triste e não responde...

Quem inventou a saudade
bem triste devia ser!
e foi alguém com certeza
que gostava de sofrer.

Deus fez as almas ao pares
como pares de andorinhas,
e todavia parece
que Deus as criou sozinhas.

As andorinhas que emigram
no outono em revoada
são como ilusões que partem
para uma terra encantada....

Voltareis ao vosso ninho,
andorinhas que emigrais,
mas as ilusões perdidas
ai! essas... não voltam mais.

A jura que me fizeste
de ser minha eternamente,
por ser feita à beira da água,
... foi levada na corrente.

Os teus olhares e os meus
de andarem tão enredados
alguém já os comparou
às silvas pelos valados...

A erva que teus pés calcam,
se está seca, reverdece;
se até a areia que pisas
sob teus pés floresce!

A escada da tua casa
não sei como não floresce,
sabendo ela que és tu
quem a sobe e quem a desce...



Ontem à noite sonhei
que dois negros me matavam;
afinal eram teus olhos
que com desdém me fitavam...

Habituei-me a sofrer
os desenganos da sorte,
que, no dia em que os não sofro,
aborreço-me de morte...

Este novo "engano d'alma
ledo e cego" em que vivemos,
apesar de ser engano,
outra ventura não temos...

Tive um amor que dizia
d'olhos perdidos nos meus
que, se eu não pudesse amá-la,
a enganasse, por Deus...

E um outro amor que eu tinha
duma trágica beleza
beijava-me os olhos tristes
pra lhes beber a tristeza...

Tive um amor que dizia
sobre o meu peito chorando
que nunca me esqueceria
e já me estava olvidando...

Teus olhos negros e tristes
como à noite a cor do céu
parece que trazem luto
duma ilusão que morreu...

E já os vi doutra cor,
eram verdes como o mar..
- como quem anda a sonhar



loucos romances d'amor...

Mas tanto luto e tristeza
são coisas que se adivinham...
quando o sonho se desfez
perderam a cor que tinham...

Deixá-la ir, a glória
que eu andava a conquistar...
A glória pra que me serve
se eu não tenho a quem a dar?

E como velas sem rumo
que vão perdidas no mar,
deixá-la ir, a ventura
que andamos a desejar...

Deixá-la ir, a esperança,
a doce ilusão perdida,
deixá-la ir sem destino
pelos caminhos da vida...

Deixá-la ir pelo ar
como uma folha caída,
pra onde for impelida.,
por onde o vento a levar...

Deixá-lo ir, o amor
e fique-me eu sem ninguém...
E quantos sonhos eu tive,
deixá-los morrer também...

Que me importa perder tudo
Que de grande eu possuí?
- tudo isso nada vale,
se eu te não possuo a ti...

Sonhei-me rei (que ilusão!)
e a terra inteira era minha...



Pedi-te pra seres rainha
e tu disseste que... não.

Esta palavra saudade
é preciso pra a entender
ter aprendido primeiro
o que é o gosto de sofrer...

Tristes cantigas d'amor
são tristezas que somente
as compreende quem ama
e só as ama quem sente...



Carta a A.

Já nem sei as palavras que te disse...
Deviam ser injustas e cruéis!
Mas eu, meu pobre amor, também sofria,
embora que, no dizer-tas, tanto risse...
E vós, oh almas simples, não sabeis
- que há quem sofra... e ria.

A rir, fiz-te chorar perdidamente;
fui mau, bem sei. Perdoa, meu amor;
mas eu também sofri horrivelmente...
Sofri: há quem não possa mordaçar a dor
e se mascare - somente
para escondê-la e pra chorar melhor.

E tu, meu doce amor, não imaginas
o desejo que eu tinha de beber-te
a tristeza feliz do teu olhar!
Ah! Quantas, quantas vezes quis dizer-te,
beijando o teu corpo nu,
como quem beija estátuas divinas:
"Sou bem mais desgraçado do que tu,
... porque não posso chorar".



Notas de Edição

Origem dos poemas:

«Tenho inveja ao Cristo dolorido»

in Gente Lusa, Nº 2, Fevereiro de 1919

No sono das coisas (1901)

in A Voz Pública, 8 de Março de 1903

Talvez tu chores nesta hora - Eu (1902)

in Diário de Notícias, 8 de Agosto de 1977

No retrato duma romântica

in Gente Lusa, Nº 2, Fevereiro de 1916

Cantigas

in O Primeiro de Janeiro, 14 de Setembro de 1977

Carta a A.

in A Águia, Setembro de 1912

ÍNDICE

O nosso livro.....	3
Dá a surpresa de ser.....	4
Sempre.....	5
Versos de amor.....	6
Amor é fogo que arde sem se ver.....	8
Simpatia.....	9
Este inferno de amar.....	10
Não sei se isto é amor.....	11
Amar!.....	12
Bilhete.....	13

Colecção

digit@lmente

Título: **POEMAS DISPERSOS**

Autor: **MANUEL LARANJEIRA**

Edição em Formato Livro: **Maio de 1997**

Edição em Formato Digital: **Junho de 2020**

Em 2020, a Coleção Digitalmente acolheu todo o acervo da editora para uma melhor leitura online.

© **Autor e Elefante Editores**
para esta edição digital

Contacto:

elefante@elefante-editores.net



Ideias e Paixões que vamos descobrindo
em cada livro e em cada palavra

www.elefante-editores.co.pt

Editores de Poesia desde 1997